

MAL-ESTAR, MEMÓRIA E MODERNIDADE NA POÉTICA DE MANUEL BANDEIRA SOBRE O CONTEXTO URBANO DO RECIFE

Malaise, memory and modernity in Manuel Bandeira's poetics on the urban context of Recife

Stamberg José da Silva Júnior¹

Resumo: Este artigo visa discutir a relação saudosista - e, ao mesmo tempo, angustiante - que Manuel Bandeira discorre em sua poética sobre a cidade do Recife. Para o escritor, a cidade é nostálgica, simbólica e ao mesmo tempo patológica por ocasião dos sintomas da modernidade. Ao analisarmos dois de seus poemas, *Recife* e *Evocação do Recife*, percebemos a ligação íntima entre a infância de Bandeira e um Recife revestido das consequências do progresso, da evolução e das ideologias dominantes na vida urbana. Suas poesias servem como denúncia de uma situação social irrevogável, ou ainda, como um ideal que jamais poderá ser alcançado novamente: o Recife de sua época.

Palavras-Chave: Manuel Bandeira, Recife, Modernidade, Nostalgia

Abstract: This article aims to discuss the poetic and nostalgic relationship that the poet Manuel Bandeira had over the city of Recife. For the writer, the city is nostalgic, symbolic and at the same time pathological due to the symptoms of modernity. In analyzing two of his poems, "Recife" and "Evocation of Recife", we clearly see the intimate connection between Bandeira's childhood and a bare Recife, stripped of the consequences of progress, evolution and dominant ideologies in urban life. His poetry serves as a denunciation of an irrevocable social situation, or as an ideal that can never be reached again: the Recife of his time.

Keywords: Manuel Bandeira, Recife, Modernity, Nostalgia.

Introdução

A metrópole se constitui enquanto lugar atrativo por ser frequentemente apontada como sinônimo de progresso, tecnologia e evolução em relação às estruturas camponesas. Contudo, ela também se apresenta como um espaço de ônus, no qual as mudanças geradas pelo intenso processo de modernização produzem no indivíduo a sensação de mal-estar, perda da subjetividade, anonimato, reificação e solidão. No seio da ascensão da modernidade, a cidade enquanto aglomerado urbano torna-se, assim, um lugar caótico, repugnante, incompleto e/ou nostálgico. Ela passa a ser "[...] uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo relativamente rápido" (LYNCH, 1999, p.44). É um lugar onde dialogam vozes,

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: stambergjunior@gmail.com

atitudes e pensamentos heterogêneos. Assim, mesmo sendo um lugar fixo, caracterizado pelos fatos urbanos, monumentos históricos e pontos turísticos, a cidade cede lugar a olhares externos e internos, universais e particulares, que lhe dão outras formas e que a formam e deformam todos os dias.

Um dos grandes nomes da literatura brasileira, Manuel Bandeira fez de muitas de suas obras uma égide de pensamentos sobre a sua cidade natal. Nascido na capital pernambucana, no ano de 1886, o artista descreveu o Recife de sua infância em comparação àquele em que vivia em seu contemporâneo, de modo que ambos se distanciavam incisivamente. O cotidiano citadino, retratado pelo poeta, remete às suas experiências pessoais com a cidade: o Recife de Manuel Bandeira é simbólico, provinciano e angustiante. A infância do artista, também apresentada em sua obra, caracteriza-se principalmente por relações afetivas que invocam o dia a dia na cidade. Neste artigo, objetivamos investigar de que forma é construída uma concepção de cidade, mais especificamente da cidade do Recife, a partir dos poemas “Recife” e “Evocação do Recife”. Também pretendemos investigar como essa relação simbiótica entre as vivências de Manuel Bandeira e o crescimento vertical do espaço urbano se apresenta como crítica ao projeto de modernização do ambiente e seu corolário.

A modernização da capital pernambucana e o mal-estar do poeta

Nas produções artísticas e literárias do Brasil no início do século XIX, a cidade foi se transformando paulatinamente em um palco de grandes histórias de amor e revoluções que a tornaram lendária, idealizada e fantasiosa: um espaço para a revelação da experiência íntima do ser humano. Inicialmente, a literatura brasileira se preocupava especificamente em descrever com detalhes o campo e o bucolismo, frutos das correntes artísticas europeias e do próprio modo de produção brasileiro, que era basicamente rural. Contudo, com o avanço dos valores trazidos pela civilização e modernidade, a industrialização provocou um gigantesco êxodo rural. A literatura se apropria dessa nova forma de ser e estar no mundo, oferecendo outras formas de redigir e descrever os novos espaços formados pelo contingente. Na observação e descrição das mudanças que surgiam, a arte buscava “traduzir a língua difícil dos sentimentos que construíram o seu cotidiano, os símbolos que os homens teimam em decifrar, como se eles pudessem ter, apenas, um significado” (REZENDE, 1997, p.21).

As experiências urbanas, narradas sob essa ótica, revelam a cidade naquilo que se tornava corriqueiro; além de detalhar sua história, progresso e ideologias. O projeto de metrópole é lido, assim, a partir do imaginário de seus co-habitantes, ex-habitantes ou ainda habitantes de outras regiões que admiram, veneram, sentem saudades ou criticam-no. A cidade torna-se, portanto, aquilo que o historiador francês Pierre Nora (1993) chamou de lugar de memória: um espaço que é, sobretudo, restos.

Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade: numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. Anéis de Moebius enrolados sobre si mesmos. Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o material para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro; e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p.22).

A arte e, sobretudo a poesia, é uma importante forma de descobrir e desvelar o ambiente urbano, a partir da condição social e pessoal de seus moradores e do espaço físico – trazendo reflexões sobre o homem e o lugar em que vive; criando identificações com outros habitantes em diversos lugares de memória. A infância de Manuel Bandeira é marcada pela vivência do poeta como protagonista no convívio social: em sua poesia, abre-se espaço para lendas, cantigas, danças, cirandas e ditados da cultura popular que são marcantes nas descrições dos tempos de menino. Todavia, a impossibilidade de morar novamente na terra nostálgica, devido à tuberculose, à idade e a outros fatores deixam-no angustiado e relutante.

Bandeira acaba exaltando um Recife que já não existe mais: uma urbe que está viva apenas em suas memórias – e que serve como símbolo para as lembranças de um tempo que só se faz existente em suas lembranças. No poema *Recife*, o autor exala o mal-estar que sente com a modernização da capital pernambucana: “Há quanto tempo que não te vejo!/ Não foi por querer, não pude./ Nesse ponto a vida me foi madrasta,/ Recife./ Mas não houve dia em não te sentisse dentro de mim:/ Nos ossos, nos olhos, nos ouvidos, no sangue, na carne,/ Recife./ Não como és hoje,/ Mas como eras na minha infância,/ Quando as crianças brincavam no meio da rua/ (Não havia ainda automóveis)/ E os adultos conversavam de cadeira nas calçadas/ (Continuavas província,/ Recife)./ Eras um Recife sem arranha-céus, sem comunistas, sem Arrais, e com arroz,/ Muito arroz,/ De água e sal,/ Recife./ Um Recife ainda do tempo em que o meu avô materno/ Alforriava espontaneamente/ A moça preta Tomásia, sua escrava,/ Que depois foi a nossa cozinheira/ Até morrer, /Recife./ Ainda existirá a velha casa senhorial do Monteiro?/ Meu sonho era acabar morando e morrendo/ Na velha casa do Monteiro./ Já que não pode ser,/ Quero na hora da morte, estar lúcido/ Para te mandar a ti o meu último pensamento,/ Recife./ Ah Recife,/ Recife, non *possidebis ossa mea!*/ Nem os ossos nem o busto,/ Que me adianta um busto depois de eu morto?/ Depois de morto não me interessará senão, se possível,/ Um cantinho no céu,/ “Se o não sonharam”, como disse o meu querido João de Deus,/ Recife”.

O poeta, outrora morador daquele espaço urbano, agora tem uma visão externa dele, e o enxerga com um olhar crítico e denunciador. O poeta passa a contemplar uma outra forma de experienciar a cidade, afinal, “o tempo dos lugares é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída” (NORA, 1993, p.12). Passando por um intenso processo de transformação baseado no modelo parisiense de cidade, o Recife do início do século XX buscava se desvencilhar de sua posição de província para se tornar uma capital metropolitana. Conforme argumenta Duarte (2018),

[...] o Brasil, nas primeiras décadas do século passado, construía um ideal de mudança promovido pela modernização das cidades, processo esse que inspirou o do Recife. A modernização do início do século XX se deu pela reformulação das urbes, com o intuito de trazer tanto maior dinamismo e fluidez às suas vias – visando também a estética – deixando de lado o ar colonial que ainda permanecia; como também livrar os centros urbanos da pobreza e das doenças. O processo brasileiro foi inspirado pelos ideais empregados pelo prefeito parisiense, o Barão de Haussmann, na segunda metade do século XIX, que para construir uma nova capital francesa, demoliu toda a cidade e a reconstruiu, livrando-a das doenças e das pessoas pobres que tomavam conta da região. Segundo o pensamento de sua época, estavam a devolvendo à elite parisiense após a reestruturação do espaço e a mudança dos costumes da região, sendo este um modelo que inspirou diversas capitais no mundo. (DUARTE, 2018, p. 15).

A transformação do lugar é também marcada pela mudança na temporalidade, visto que há uma interseção entre os vínculos tecnológicos, as mídias e os novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade que passam a ser estabelecidos pela modernidade. A sensação de perda das referências é uma das lamentações permanentes nesse processo: há uma tendência a pensar que havia no passado um senso de fronteiras estáveis e uma cultura construída localmente dentro de um fluxo regular de tempo. No entanto, o caráter disruptivo provocado pelos valores impostos pela lógica burguesa de eficácia, produtividade e radicalização do espaço-tempo ocasiona o novo e o efêmero como insígnias. Nesse sentido, a cidade é a expressão direta desse lema, conforme argumenta Jubert (2010),

A cidade como palco das grandes transformações tecnológicas e culturais, com o crescimento das selvas de pedra, a cidade que cresce adequando-se aos novos tempos e à efemeridade, ao consumo desvariado, a cidade da *flânerie*, a cidade que cada vez mais impõe ganhar tempo, essas mesmas cidades construíram seus marcos, suas instituições, seus espaços de cultura, lazer e comércio - o próprio signo da modernidade e da efemeridade faz com que nada na própria cidade seja algo feito para resistir ao tempo. (JUBERT, 2010, p.173).

Ao discorrer sobre os efeitos produzidos pela secularização e o possível retorno a tempos outrora melhores, o pensador alemão Andreas Huyssen (2001) argumenta que “talvez, tais dias tenham sido sempre mais sonho do que realidade, uma fantasmagoria de perda gerada pela própria modernidade do que pela sua pré-história” (HUYSSSEN, 2001, p.30). Para o autor, o mal-estar causado pelo fenômeno do avanço da civilização metropolitana associa-se a sentimentos generalizados de modos de pensamento que visam fixar o tempo e o espaço.

Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápidos somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e nos voltamos para a memória em busca de conforto. (HUYSSSEN, 2001, p.32).

Ao analisarmos o poema *Recife*, podemos perceber que a memória de Bandeira, exposta em versos, percorre um fio narrativo que se faz em consonância com o mal-estar oriundo do processo de modernização e da história da cidade, já que como argumenta Nora (1993, p.13), “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história”. Nesse sentido, o conteúdo aparentemente ficcional da poética de Bandeira, torna-se matéria de reflexão histórica como um nó coexistente entre ficção e realidade, afinal, “das narrações de ficção é possível extrair testemunhos mais fugidios, porém mais preciosos, justamente porque se trata de narrações de ficção” (GINZBURG, 2007, p.84).

A morte, que parece alcançar rapidamente o poeta, pesa não só porque ele vai deixar de existir, mas porque sua existência não está completa: a volta à sua terra não é mais factível. A impossibilidade é causada pela mudança radical que passou a cidade: outros costumes, outros valores, outros edifícios e outros ares. Bandeira, em *Recife*, traz elementos metafóricos que iconoclastizam o contexto de sua infância. O *Recife* de Bandeira é o aposto dos versos que clama em seus pensamentos, muitas vezes fúnebres,

pelo desejo de possuir a cidade em seus primórdios.

A infância pobre de Manuel, tão marcadamente exposta em sua poesia, revela os traços de uma cidade suburbana e acometida pela desigualdade social. O apego a um passado outrora abarcado pelas tradições, coloca o espaço em que vivia como um lugar distante do real: o Recife de antes jamais deixou Bandeira, mas permaneceu nele em todo o percurso de sua vida. A cidade aqui pode ser lida não apenas como espaço geográfico, mas como papel constituinte da identidade do indivíduo: um lugar em que a memória guarda com saudosismo as experiências subjetivas do ente. Essa força identitária que a cidade pode ontologicamente exercer sobre alguém, subjetiva as experiências pelas quais o ambiente é participante: o imaginário urbano e as situações cotidianas da urbe acabam por individualizar o coletivo. O morador não é apenas fruto coercitivo da cidade, mas antes deixa sua identidade ser moldada a partir dela.

Na cidade idealizada pelo poeta, a escravidão e a alforria são símbolos que remetem a acordos que já não estão presentes no modelo ascendente e disruptivo que o novo contexto delinea. O avô, figura masculina caracterizada pela tradição e pela antiga cidade, sempre é retratado em seus poemas, quando o tema é o Recife de sua infância. O parente parece simbolizar algo mais que um mero membro da família: ele pode ser um dos referenciais na construção da memória de Manuel em relação à sua cidade natal. Bandeira refere-se ao avô como o elo que o ligava à província em que pertencia, que saudosa e antiga, acabou por ser sugada pela industrialização. A relação entre o contexto familiar e urbano traduzem o cenário afetivo do artista: estão entrelaçados e servem como requisito para as características sentimentais e subjetivas do poeta.

Podemos perceber a presença da representação do avô em outro poema sobre a capital pernambucana, o *Evocação do Recife*: Recife/ Não a Veneza americana/ Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais/ Não o Recife dos Mascates/ Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois/ - Recife das revoluções libertárias/ Mas o Recife sem história nem literatura/ Recife sem mais nada/ Recife da minha infância/ A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado/ e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas/ Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê/ na ponta do nariz/ Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras/ mexericos namoros risadas/ A gente brincava no meio da rua/ Os meninos gritavam:/ Coelho sai!/ Não sai!/ A distância as vozes macias das meninas politonavam:/ Roseira dá-me uma rosa/ Craveiro dá-me um botão/ (Dessas rosas muita rosa/ Terá morrido em botão...)/ De repente/ nos longos da noite/ um sino/ Uma pessoa grande dizia:/ Fogo em Santo Antônio!/ Outra contrariava: São José!/ Totônio Rodrigues achava sempre que era São José./ Os homens punham o chapéu saíam fumando/ E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo./ Rua da União.../ Como eram lindos os montes das ruas da minha infância/ Rua do Sol/ (Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)/ Atrás de casa ficava a Rua da Saudade.../ ...onde se ia fumar escondido/ Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora.../ ...onde se ia pescar escondido/ Capiberibe/ - Capiberibe/ Lá longe o sertãozinho de Caxangá/ Banheiros de palha/ Um dia eu vi uma moça nuinha no banho/ Fiquei parado o coração batendo/ Ela se riu/ Foi o meu primeiro alumbramento/ Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu/ E nos pegões da ponte do trem de ferro/ os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras/ Novenas/ Cavalhadas/ E eu me deitei no colo da menina e ela começou/ a passar a mão nos meus cabelos/ Capiberibe/ - Capiberibe/ Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas/ Com o xale vistoso de pano da Costa/ E o vendedor de roletas de cana/ O de amendoim/ que se chamava midubim e não era torrado era cozido/ Me lembro de todos

os pregões:/ Ovos frescos e baratos/ Dez ovos por uma pataca/ Foi há muito tempo.../ A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo na língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/ Ao passo que nós/ O que fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada/ A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem/ Terras que não sabia onde ficavam/ Recife.../ Rua da União.../ A casa de meu avô.../ Nunca pensei que ela acabasse!/ Tudo lá parecia impregnado de eternidade/ Recife.../ Meu avô morto./ Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro/ como a casa de meu avô.

Neste poema, Manuel Bandeira exalta um Recife sem História: uma cidade nua, alheia aos rótulos e estereótipos que recebeu ao longo dos séculos. O Recife de Bandeira não é o espaço cosmopolita, mas o provinciano; não é o reconhecido por seus acontecimentos grandiosos – das revoluções, ideologias e conquistas épicas – mas aquele Recife que ele amou primeiro, aquele que remete às suas aventuras e fantasias mais primárias. Na medida em que os segredos íntimos da infância do poeta são expostos, a cidade vai se constituindo como algo particular de sua subjetividade, das memórias, das fantasias, do amor à tradição e do apego aos costumes e valores da época em que viveu. A poética de Bandeira é repleta de descrições da infância que rodeava o autor e que acabou se perdendo em meio às patologias do progresso.

Sob um ponto de vista microestrutural, Manuel Bandeira cita fatos históricos, como em: “De repente/ nos longos da noite/ um sino/ Uma pessoa grande dizia: /Fogo em Santo Antônio!”. Aqui, as lembranças pessoais ou os acontecimentos liricamente tematizados do incêndio no bairro de São José se mesclam com as ocorrências verossímeis e universais. O Recife na cosmovisão de Bandeira, de um adulto cheio de lembranças infantis, é uma ode à singeleza, à infância, ao amor, à fantasia da pacificidade do urbano no passado. Sincronicamente, o poema também se faz como denúncia dos tempos modernos: a cidade é mergulhada em conflitos humanos, em violência, em vazio e perda da individualidade. A fragilidade diante do medo de que a modernidade desambiente, reduza, limite ou destrua as coisas mais simples da cidade, valorizadas por Bandeira, é visível em seus poemas.

Em seus versos, Bandeira evoca a liberdade e a segurança que as pessoas desfrutavam para estar nas ruas, cultivando a tradição das conversas nas calçadas - um costume que passara a desaparecer com o advento da industrialização e o crescimento da violência urbana. Bandeira, assim, ressalta as consequências malélicas da modernidade, entre elas, a violência, a insegurança, o medo, a introspecção, a não-coletividade e os conflitos que acabam por quebrar os valores sedimentados ao longo do tempo na cidade contemporânea a ele. De acordo com Argan (1992),

Uma vez que é o contexto que determina as ideias de espaço e de tempo, estabelecendo uma relação positiva entre indivíduo e ambiente, descaracterizar o ambiente destituindo-o das suas presenças artísticas tradicionais é uma maneira de favorecer as neuroses coletivas, que se exprimem, mais tarde em atos de vandalismo e o banditismo organizado até os fenômenos macroscópicos de violência e de terrorismo – e todos sabem que este é o preço a ser pago pelo não desejado triunfo da sociedade de consumo (ARGAN,1992, p.56).

A indiferença que a secularização impõe sobre o contexto urbano em nome do progresso gera uma lógica de violência contra a preservação das experiências íntimas associadas aqui ao imaginário do poeta. Não é a mera mudança do nome de uma rua, como Bandeira cita em *Evocação do Recife*, mas uma mudança da identidade da cidade e do

próprio artista. Cada rua é sinônimo de um momento inesquecível que a cidade lhe proporcionou: suas vivências estão sobrepostas sobre as ruas: do Sol, da Saudade, da União, da Aurora. Todas elas o lembram histórias diferentes, acontecimentos que perduraram em sua memória; que apontam para um velho-novo horizonte; e que ele teme que tenham sido enterradas pelas mudanças trazidas pelo contexto em que vivia. Nesse sentido, a urbe passa a ter uma “alma da cidade” minada e deformada.

A ideia da existência de uma “alma da cidade” fala do reconhecimento de uma qualidade aos fatos urbanos. O reconhecimento dessa ‘qualidade especial’ está sempre associado às experiências íntimas, individuais ou coletivas, que dão ao espaço o sentido de lugar. São essas experiências, inconscientes quase sempre, que constituem a cidade, produzindo e valorando espaços que assim se transformaram em muito mais que abrigo, ou seja, muito mais do que solução para necessidades racionais, agora conscientes. (SANTOS, 1998, p.31).

Bandeira faz alusão aos fatos urbanos como fator fundamental para o *self* do indivíduo, inclusive dele mesmo. A poética do escritor parece percorrer todo o centro da cidade: seu olhar saudosista parece redesenhar o urbano simultaneamente com o amadurecimento de si – embora, a princípio, este seja infantilizado. O artista reconhece veementemente o popular, como por exemplo, a linguagem oral. A predileção da diversidade na linguagem do poeta é também uma forma de singularizar o prosaico e aprofundar a ruptura com as estéticas anteriores ligadas ao ideal da linguagem. A valorização da semântica coloquial, da variedade que não é aceita como padrão, faz parte da identidade do Recife sob a ótica de Bandeira: uma língua que aponta para seus falantes, para os moradores da vastidão a que está submetida à cosmovisão que possui da cidade.

Considerações Finais

O Recife que Manuel Bandeira tanto apregou, de fato, não existe mais. O poeta evoca suas lembranças mais fortes e persistentes da cidade e as traz para um Recife sob os moldes modernos, que na visão dele está cheio de desventuras e malícias, de história e de desvirtualização do espaço. O saudosismo que emana em seus versos aponta para um sentimento de nostalgia e de mal-estar com relação a um contexto urbano que torna a cidade incompreensível e com valores simbólicos rompidos devido à desambientação da província. É clara a relação íntima de Manuel Bandeira com a cidade do Recife: esta – além de ser palco de tristezas, glórias, paixões, lembranças e aventuras – é o lugar onde Manuel Bandeira deposita suas mais valiosas pérolas poéticas.

Nas estrofes que compõem *Recife e Evocação do Recife*, o poeta parece vivenciar seus períodos mais intensos de transformação física e pessoal: o paradoxo entre visão infantilizada e a complexidade do real reificado. Na poética do autor, o Recife é grande: universal e particular; sofrido e sonhado. É uma cidade desgastada pela modernidade que parece apagar costumes e diminuir possibilidades de descobertas e interação entre seus moradores. Assim, a cidade vai tomando novos rumos, percorrendo novos caminhos, ganhando e perdendo habitantes, construindo e desconstruindo a urbanização. Ao ganhar novos ares e se despir das velhas vestes, o espaço urbano, então, é reconstituído a partir das lembranças e memórias nas representações de Manuel Bandeira.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

DUARTE, Jônatas Lins. *Modernização do porto e do bairro do Recife: impactos causados pelas obras na população da freguesia (1909-1914)* / Jônatas Lins Duarte. – 2018.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

JUBERT, Simone. A cidade definindo relações. In. *A arte brasileira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, nº 20. São Paulo: Educ, 1993.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

SANCHES, Maria Elizabete; MARTINS, Eduardo. *A identidade no espaço: experiência e significação em Evocação do Recife de Manuel Bandeira*. Revista Presença- Mai.-Nº24, Vol. VI, 2002. Disponível em: <http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/24mariaelizabetesancheseduardomartins_aidentidadenoespaco.pdf> Acesso em: 03 jun. 20.

SANTOS, Lúcia Leitão. *Os movimentos desejanter da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade*. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1998.